

ORBUFILHO: NOMEAÇÃO, LUTO PARENTAL E POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES PSICOLÓGICAS DE UM NEOLOGISMO

ORBUFILHO: NAMING, PARENTAL GRIEF AND POSSIBLE PSYCHOLOGICAL
IMPLICATIONS OF A NEOLOGISM

Ciências Humanas • 11/10/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/791555038](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/791555038)

Alan Tosta Ramos¹

RESUMO

Este artigo analisa a proposta do neologismo “Orbufilho” como possível designação para pais e mães que vivenciam a morte de um filho, focalizando a relação entre nomeação, reconhecimento social, identidade parental e reconstrução de significado no luto. O problema de pesquisa é: como pais enlutados percebem a ausência de uma palavra específica para sua condição e quais possíveis implicações psicológicas podem decorrer do contato com a proposta do termo Orbufilho? Trata-se de estudo qualitativo, exploratório e teórico-conceitual, desenvolvido mediante revisão da literatura sobre luto parental, luto não reconhecido, reconstrução de significado, apego e identidade, complementada por análise documental e etimológica da formação proposta. Os resultados da análise foram organizados em quatro eixos: função comunicacional da nomeação; reconhecimento social do luto; reconstrução da identidade parental; e plausibilidade linguística e limites científicos do neologismo. A literatura sustenta a relevância psicológica da reconstrução de significado e do reconhecimento da experiência de perda, mas não permite afirmar que a existência de uma palavra específica produza, por si só, conforto ou efeito terapêutico. A análise etimológica demonstra que “orbus”, no latim, está associado a sentidos de privação, perda e ausência de filhos, oferecendo base para a formação contemporânea proposta. Conclui-se que Orbufilho constitui uma hipótese de nomeação psicologicamente investigável, cuja utilidade subjetiva, comunicacional e social deve ser testada empiricamente antes de qualquer afirmação sobre benefício clínico.

Palavras-chave: Luto parental; Nomeação; Orbufilho; Psicologia do luto; Reconstrução de significado.

ABSTRACT

This article analyzes the proposed neologism “Orbufilho” as a

possible designation for parents who experience the death of a child, focusing on the relationship between naming, social recognition, parental identity, and meaning reconstruction in bereavement. The research question is: how do bereaved parents perceive the absence of a specific word for their condition, and what possible psychological implications may arise from exposure to the proposed term Orbustilho? This is a qualitative, exploratory, theoretical-conceptual study based on a review of literature on parental grief, disenfranchised grief, meaning reconstruction, attachment, and identity, complemented by documentary and etymological analysis of the proposed formation. The results were organized into four axes: the communicational function of naming; social recognition of grief; reconstruction of parental identity; and the linguistic plausibility and scientific limits of the neologism. The literature supports the psychological relevance of meaning reconstruction and recognition of the experience of loss, but does not establish that a specific word, by itself, produces comfort or therapeutic effects. Etymological analysis shows that the Latin term “orbis” is associated with meanings of deprivation, bereavement, and childlessness, providing a linguistic basis for the contemporary formation proposed. It is concluded that Orbustilho constitutes a psychologically testable naming hypothesis whose subjective, communicational, and social usefulness should be empirically examined before any claim of clinical benefit.

Keywords: Parental grief; Naming; Orbustilho; Grief psychology; Meaning reconstruction.

1. INTRODUÇÃO

A linguagem é uma das formas pelas quais pessoas e grupos organizam, comunicam e compartilham experiências. No luto, essa

função ganha relevância porque a pessoa enlutada precisa lidar não apenas com a ausência de alguém significativo, mas também com a transformação de papéis, relações, expectativas e narrativas sobre a própria vida. A psicologia contemporânea, contudo, não sustenta que uma palavra isolada determine a elaboração do luto. O processo é multidimensional e envolve fatores individuais, relacionais, culturais e sociais.

A morte de um filho constitui uma forma de perda particularmente significativa para a psicologia do luto. Pesquisas com pais enlutados apontam sofrimento intenso, alterações na identidade e necessidade de reconstrução de significados. Braun e Berg (1994), por exemplo, identificaram, em estudo qualitativo com mães enlutadas, um processo de reconstrução de significado após a morte de um filho. Neimeyer (2010) também descreve o luto como experiência capaz de desorganizar narrativas pessoais e exigir a reconstrução de sentidos.

É nesse contexto que se situa a questão linguística examinada neste artigo. Em português, “órfão” e “viúvo/viúva” são categorias amplamente reconhecidas para determinadas perdas familiares. Não há, no uso corrente, um termo igualmente consolidado que designe especificamente o pai ou a mãe que perdeu um filho. Essa ausência não permite afirmar que exista uma “causa linguística” para o sofrimento parental. Ela permite, entretanto, formular uma pergunta psicológica e sociocultural: uma categoria verbal específica poderia facilitar a comunicação, o reconhecimento e a integração narrativa de uma experiência de perda?

A questão é relevante também porque outras línguas e culturas apresentam categorias específicas relacionadas ao luto parental. A

literatura sobre pais que perderam o filho único na China, por exemplo, utiliza a categoria cultural “shidu” para investigar experiências de sofrimento, identidade e adaptação. A existência dessa categoria não prova qualquer efeito terapêutico da palavra, mas mostra que a nomeação de uma condição de perda pode tornar-se objeto legítimo de investigação psicológica e social.

É nesse espaço que se apresenta Orbufilho, neologismo proposto pelo autor deste artigo para designar pai ou mãe que vivencia a morte de um filho. A formação combina o elemento “orbu-”, inspirado no latim *orbus*, com o substantivo português “filho”. A escolha não significa que Orbufilho seja uma palavra latina histórica. O dicionário de Lewis e Short registra *orbus* com sentidos como “privado”, “desprovido”, “sem filhos”, “órfão” e “enlutado” em diferentes contextos; registra ainda *orbitas* como substantivo relacionado à perda de pais ou filhos, entre outros sentidos de privação.

Essa precisão etimológica é importante. Orbufilho deve ser apresentado como neologismo contemporâneo de formação híbrida, inspirado em uma raiz latina e associado a um termo português. Não se trata de recuperar uma palavra latina esquecida nem de afirmar que o termo já pertença ao léxico normativo do português.

O problema de pesquisa deste estudo é: como pais enlutados percebem a ausência de uma palavra específica para sua condição e quais possíveis implicações psicológicas podem decorrer do contato com a proposta do termo Orbufilho?

O objetivo geral é analisar, sob a perspectiva da psicologia do luto e da reconstrução de significado, o potencial de Orbufilho como categoria de nomeação da condição parental após a morte de um filho. Especificamente, busca-se discutir a relação entre linguagem e reconhecimento; examinar aspectos psicológicos do luto parental; relacionar a proposta ao conceito de luto não reconhecido e à reconstrução de significado; analisar sua origem etimológica; e formular hipóteses empiricamente testáveis sobre sua possível recepção.

A contribuição pretendida é deliberadamente delimitada. O artigo não afirma que uma palavra cure o sofrimento, substitua psicoterapia ou produza automaticamente conforto. A hipótese é mais específica: para algumas pessoas, uma categoria linguística pode funcionar como recurso de comunicação, reconhecimento e organização narrativa. Essa hipótese precisa ser investigada diretamente com pais e mães enlutados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Luto Parental e Reconstrução de Significado

O estudo do luto passou de modelos excessivamente lineares para perspectivas que reconhecem trajetórias individuais e contextuais. Bowlby (1980) destacou a ruptura de vínculos de apego, enquanto abordagens posteriores enfatizaram processos de adaptação e reorganização. No caso do luto parental, a morte do filho pode atingir expectativas de futuro e elementos centrais da identidade parental.

Braun e Berg (1994) analisaram, por meio de grounded theory, a reconstrução de significado vivenciada por dez mães após a morte

de um filho. O estudo identificou descontinuidade, desorientação e ajustamento como componentes do processo, mostrando que os participantes precisavam reinterpretar estruturas de significado anteriores para integrar a morte à própria história.

Neimeyer (2010) sintetiza um programa de pesquisa no qual a perda é compreendida como experiência que pode interromper narrativas pessoais e exigir reconstrução de significado. O autor destaca processos de construção de sentido e continuidade de vínculos como dimensões relevantes da adaptação ao luto.

Estudos qualitativos sobre encontros entre pais enlutados e profissionais de saúde também identificam processos de construção de significado, continuidade de vínculos e reconstrução da identidade. Em uma pesquisa com 53 pais de 35 crianças falecidas, foram identificados quatro processos: construção de sentido, identificação de benefícios, continuidade de vínculos e reconstrução da identidade.

2.2. Luto Não Reconhecido

Doka (1989; 2002) desenvolveu o conceito de disenfranchised grief, traduzido em português por diferentes expressões, entre elas luto não reconhecido. A ideia central é que determinadas perdas, vínculos ou manifestações de sofrimento podem não receber reconhecimento social suficiente. O conceito é particularmente útil para investigar a dimensão social do luto, pois desloca parte da atenção da experiência exclusivamente intrapsíquica para as relações e normas que cercam o enlutado.

No caso dos pais que perderam filhos, a ausência de uma designação específica pode ser examinada como possível questão

de reconhecimento comunicacional. Entretanto, deve-se evitar uma conclusão causal simplista. O sofrimento decorre primariamente da perda e de sua significação; a linguagem é um dos meios pelos quais a experiência é comunicada e socialmente enquadrada.

Assim, Orbufilho pode ser estudado como recurso de reconhecimento, e não como tratamento. A pergunta científica não é se a palavra “cura”, mas se ela é compreendida, aceita, rejeitada, percebida como acolhedora ou considerada útil para expressar uma condição de vida.

2.3. Linguagem, Identidade e Simbolização

Vygotsky (2001) compreende a linguagem como instrumento cultural relacionado à organização do pensamento e à construção de significados. Essa perspectiva permite pensar a nomeação como uma ferramenta de mediação: uma palavra pode condensar uma experiência e facilitar sua comunicação, embora seu significado dependa do uso social.

Na perspectiva da reconstrução de significado, o enlutado precisa reorganizar narrativas que foram abaladas pela perda. A linguagem pode participar desse processo ao oferecer categorias para falar de si, dos vínculos e da continuidade da relação simbólica com a pessoa falecida. Não se trata de afirmar que a palavra produz a reconstrução, mas de reconhecer que ela pode integrar a narrativa por meio da qual a reconstrução ocorre.

A identidade parental também merece atenção. A morte de um filho não apaga retrospectivamente a relação entre pai, mãe e filho. A condição parental pode permanecer como componente da história de vida, embora seja transformada pela ausência. Dessa

forma, uma categoria como Orbufilho poderia, hipoteticamente, acrescentar uma dimensão à identidade, sem substituir as categorias pai ou mãe.

2.4. A Origem e a Formação de Orbufilho

A etimologia proposta constitui uma parte central do estudo. O latim *orbus* é registrado por Lewis e Short como adjetivo associado a situações de privação ou perda, incluindo “bereaved”, “bereft”, “parentless”, “fatherless” e “childless”. A mesma fonte registra *orbitas* como substantivo relacionado à perda de pais ou filhos, além de outros sentidos de privação.

Esses dados permitem afirmar que a escolha de *orbu-* possui coerência semântica com o campo da perda familiar. Não permitem afirmar que “Orbufilho” existisse no latim clássico. A palavra é uma criação lexical contemporânea: elemento de inspiração latina + substantivo português.

A formação proposta é: ORBU + FILHO = ORBUFILHO. A forma feminina proposta é ORBUFILHA. A função semântica pretendida é designar o pai ou a mãe cuja experiência parental foi atravessada pela morte de um filho. A palavra não pretende dizer que a pessoa deixou de ser pai ou mãe; pretende nomear uma condição adicional decorrente da perda.

Do ponto de vista linguístico, a consolidação futura do termo dependerá de uso efetivo, aceitação pelos falantes, estabilidade semântica e eventual reconhecimento lexicográfico. A pesquisa científica pode avaliar sua compreensão e recepção, mas não pode declarar previamente que um neologismo se tornou parte da língua.

Quadro 1. Formação proposta do neologismo Orbufilho

Elemento	Origem/descrição	Função na proposta
Orbu-	Inspirado no latim orbus, associado a privação/perda.	Introduzir o campo semântico da perda.
filho	Substantivo português.	Explicitar o vínculo parental focal.
Orbufilho	Neologismo contemporâneo.	Designar a condição parental após a morte de um filho.
Orbufilha	Flexão feminina proposta.	Forma feminina do neologismo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026), com base em Lewis e Short e na proposta lexical apresentada neste estudo.

2.5. Experiências Interculturais de Nomeação

A literatura sobre pais que perderam o filho único na China oferece um exemplo relevante para a hipótese, pois utiliza a categoria shidu. Estudos nessa população investigam sofrimento psicológico, identidade e adaptação. O valor desse exemplo não está em estabelecer equivalência com Orbufilho, mas em demonstrar que uma categoria linguística pode tornar uma experiência socialmente reconhecível e pesquisável.

A comparação deve ser cautelosa: shidu está associado a uma condição cultural específica e não corresponde exatamente ao conceito de Orbufilho. A comparação é útil apenas como evidência de que a nomeação de experiências de perda parental é linguisticamente possível e socialmente observável.

3. METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa qualitativa, exploratória e teórico-conceitual, com abordagem interdisciplinar entre psicologia do luto, psicologia social, estudos da linguagem e análise etimológica. O desenho foi escolhido porque o objetivo desta etapa é construir e delimitar uma hipótese científica sobre a função possível de uma nova categoria lexical, e não testar ainda sua eficácia clínica.

As fontes foram artigos científicos sobre luto parental, reconstrução de significado, luto não reconhecido, identidade e linguagem, além de repertórios lexicais de língua latina. Foram priorizadas fontes acadêmicas localizáveis e fontes lexicográficas primárias ou de referência. A revisão teve caráter narrativo e analítico, organizada conforme os conceitos diretamente relacionados ao problema de pesquisa.

A análise foi realizada em quatro eixos: (1) efeitos e características psicológicas do luto parental; (2) reconhecimento social e luto não reconhecido; (3) reconstrução de significado e identidade; e (4) plausibilidade linguística e função potencial de Orbufilho. A interpretação procurou separar evidências existentes de hipóteses ainda não testadas.

Não foram utilizados, nesta versão, questionários ou entrevistas com pais enlutados. Consequentemente, o artigo não apresenta percentuais de aceitação, conforto ou identificação. Qualquer número dessa natureza exigiria coleta de dados primários, descrição da amostra, instrumento, procedimento, consentimento e apreciação ética quando aplicável.

Uma etapa empírica futura deverá utilizar entrevistas semiestruturadas e, posteriormente, instrumentos quantitativos para avaliar compreensão, identificação, conforto, reconhecimento, utilidade comunicacional e rejeição do termo. Por envolver pessoas em situação potencialmente vulnerável, essa etapa deverá observar os procedimentos éticos aplicáveis à pesquisa com seres humanos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Nomeação e Reconhecimento

O primeiro achado teórico é que a nomeação pode ser tratada como variável psicossocial relevante sem ser confundida com causa do sofrimento. A literatura sobre luto não reconhecido demonstra que o contexto social influencia a possibilidade de expressar e legitimar a perda. Dessa forma, uma palavra específica pode ser investigada como instrumento comunicacional.

Aplicado ao caso de Orbufilho, o argumento é que uma pessoa poderia utilizar o termo para comunicar rapidamente uma experiência que, de outra maneira, exigiria uma explicação mais longa. A hipótese é especialmente pertinente em situações nas quais o interlocutor não compreende a permanência do vínculo parental após a morte.

Entretanto, a mesma palavra pode ser rejeitada. Alguns enlutados podem preferir “pai/mãe enlutado(a)”, “pai/mãe que perdeu um filho” ou nenhuma categoria adicional. A rejeição não invalida a pesquisa; ela mostra que a função da linguagem no luto é individual e contextual.

4.2. Nomeação e Reconstrução de Significado

A literatura de reconstrução de significado oferece o segundo eixo interpretativo. Se o luto envolve reorganizar narrativas sobre quem a pessoa é e sobre como sua vida passou a ser depois da perda, uma nova palavra pode ser incorporada a essa narrativa. Braun e Berg (1994) mostram que a reconstrução de significado é particularmente relevante no luto parental.

Orbúfilho poderia, hipoteticamente, condensar duas dimensões que parecem entrar em tensão: a permanência da parentalidade e a realidade da ausência física. O termo não elimina a perda e não pretende fazê-lo. Seu possível valor estaria em oferecer uma categoria verbal para dizer que a relação parental permanece significativa, embora transformada.

Esse mecanismo é compatível com a literatura sobre reconstrução de identidade após a morte de um filho, mas ainda não foi demonstrado especificamente para Orbúfilho. Portanto, deve ser tratado como hipótese.

4.3. Conforto Psicológico: O Que Pode e o Que Não Pode Ser Afirmado

A ideia de que “dar nome acolhe” é intuitivamente atraente, mas, precisa ser operacionalizada. O conforto não deve ser presumido. Deve ser medido por relatos e indicadores específicos, como sensação de reconhecimento, identificação, validação, facilidade para explicar a experiência e disposição para utilizar o termo.

É possível formular uma hipótese de conforto simbólico: algumas pessoas podem sentir alívio ao encontrar uma palavra que condense uma experiência difícil de explicar. Também é possível formular a hipótese oposta: a palavra pode ser percebida como fria, artificial,

estigmatizante ou excessivamente centrada na perda. A investigação científica deve admitir ambos os resultados.

Essa cautela evita transformar o artigo em defesa normativa de Orbufilho. O objeto científico não é provar que a palavra é boa, mas investigar o que acontece quando pessoas enlutadas são apresentadas a ela.

Quadro 2. Dimensões que podem ser investigadas na recepção de Orbufilho

Dimensão	Pergunta investigável	Indicador	Interpretação possível
Compreensão	O participante entende o que a palavra pretende designar?	Definição livre do termo.	Clareza semântica.
Identificação	O participante se reconhece na categoria?	Grau de identificação.	Adequação subjetiva.
Reconhecimento	O termo facilita comunicar a condição?	Relato de ser compreendido.	Função comunicacional.
Conforto	O contato com o termo produz sensação de acolhimento?	Escala/relato de conforto.	Possível valor simbólico.
Rejeição	O termo provoca desconforto ou recusa?	Relato de rejeição.	Limite ou efeito negativo.
Uso	O participante usaria a palavra no cotidiano?	Intenção de uso.	Aceitação social potencial.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

4.4. Proposta de Validação Empírica

Para responder diretamente à pergunta originalmente formulada neste estudo, recomenda-se uma segunda fase de pesquisa com participantes. A pergunta pode ser operacionalizada como: “Como pais e mães que perderam filhos percebem a ausência de uma denominação específica para sua condição e como avaliam a proposta do neologismo Orbufilho em termos de identificação, reconhecimento, conforto e utilidade comunicacional?”

Essa formulação é preferível à expressão “qual o impacto” quando o estudo inicial é qualitativo, porque “impacto” sugere uma relação causal que não pode ser demonstrada apenas por uma entrevista. Depois de uma etapa qualitativa, um estudo quantitativo ou misto poderia avaliar possíveis efeitos com desenho comparativo.

Uma entrevista semiestruturada poderia perguntar: como você costuma explicar quem é depois da perda? Você sente falta de uma palavra para essa condição? O que a palavra Orbufilho significa para você? Ela faz você se sentir reconhecido, indiferente ou desconfortável? Você utilizaria o termo? Em quais situações? O que mudaria, se alguma coisa mudasse, quando alguém reconhecesse você por essa palavra?

Uma pesquisa quantitativa poderia comparar Orbufilho com expressões já existentes, como “pai/mãe enlutado(a)” e “pai/mãe que perdeu um filho”, avaliando compreensão, identificação, conforto, reconhecimento e intenção de uso. O desenho deve evitar perguntas sugestivas que indiquem que Orbufilho necessariamente é positivo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou a possibilidade de estudar Orbufilho como neologismo associado à experiência de pais e mães que perderam filhos, com foco na psicologia do luto. A pergunta de pesquisa foi reformulada para privilegiar dimensões observáveis — percepção, identificação, reconhecimento, conforto e utilidade comunicacional — e evitar a pressuposição de um “impacto” causal.

A fundamentação teórica indica que o luto parental envolve reconstrução de significado e pode atingir dimensões importantes da identidade. A literatura também mostra que o reconhecimento social da perda participa da experiência do enlutado. Esses achados oferecem fundamento para investigar a nomeação como fenômeno psicossocial.

A análise etimológica demonstra que *orbus* é uma palavra latina relacionada a privação, perda e situações de ausência de pais ou filhos. A formação Orbufilho é, portanto, linguisticamente inspirada nessa raiz, mas constitui uma criação contemporânea em português. Não deve ser apresentada como palavra latina existente nem como termo já dicionarizado.

Quanto ao possível conforto psicológico, a conclusão precisa ser prudente: existe fundamento teórico para investigar se uma palavra pode facilitar reconhecimento e reconstrução narrativa, mas não existe, nesta etapa, evidência para afirmar que Orbufilho produza conforto ou efeito terapêutico. O valor da proposta permanece uma hipótese empírica.

A principal contribuição do estudo é transformar uma intuição social e afetiva em pergunta investigável. Em vez de afirmar que “a dor agora tem nome”, formula-se uma questão científica: o que

acontece, psicologicamente, quando uma pessoa enlutada encontra uma palavra que pretende nomear sua condição? A resposta deve vir dos próprios participantes.

As principais limitações são a natureza teórico-conceitual do estudo, a ausência de amostra empírica e a necessidade de validação linguística e psicológica. Pesquisas futuras poderão utilizar entrevistas, análise temática, instrumentos de avaliação e desenhos longitudinais para verificar se o termo é compreendido, aceito, rejeitado ou incorporado pelos pais enlutados.

Assim, Orbufilho pode ser apresentado cientificamente não como solução para o luto, mas como uma hipótese de nomeação. Essa mudança de enquadramento preserva a dimensão humana da proposta e, simultaneamente, submete-a aos critérios de investigação psicológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOWLBY, John. **Attachment and loss**: volume 3: loss, sadness and depression. New York: Basic Books, 1980.

BRAUN, Mildred J.; BERG, Dale H. Meaning reconstruction in the experience of parental bereavement. **Death Studies**, v. 18, n. 2, p. 105-129, 1994. DOI: 10.1080/07481189408252647.

DOKA, Kenneth J. **Disenfranchised grief**: new directions, challenges, and strategies for practice. Champaign: Research Press, 2002.

DOKA, Kenneth J. **Disenfranchised grief**: recognizing hidden sorrow. Lexington: Lexington Books, 1989.

LEWIS, Charlton T.; SHORT, Charles. **A Latin dictionary**: founded on Andrews' edition of Freund's Latin dictionary. Oxford: Clarendon Press, 1879.

NEIMEYER, Robert A. **Meaning reconstruction and the experience of loss**. Washington, DC: American Psychological Association, 2001.

NEIMEYER, Robert A. Reconstructing meaning in bereavement: summary of a research program. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 4, p. 469-475, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

¹ Tecnólogo em Gestão de Saúde Pública. Salvador, Bahia, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1787-4658>. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)